

“A RTP-A tem procurado corresponder à sua missão com imensas dificuldades que não foram ultrapassadas pelas novas tecnologias”



“Sinto-me bem neste tempo, enquanto Deus quiser”

“Como a natureza não dá saltos, espero que as evidências da desertificação e do despovoamento convençam os governantes de que urge alterar a política da saúde, e tomar decisões urgentes para dar à SATA a saúde e a viabilidade empresarial de que os açorianos tanto necessitam”

nifica os valores da liberdade e da justiça e promove a diversidade de opiniões.

O que pensa da política? Gostava de ser um participante activo?

A política é um dever de cidadania que nenhum cidadão consciente pode menosprezar. A busca incessante do bem-comum é um imperativo cívico e esse dever não compete apenas aos políticos eleitos e de carreira, nem é exclusivo deles. Até porque o poder reside no povo e os eleitos são seus representantes/delegados à gestão da coisa pública.

Na época que atravessamos é de toda a urgência que o processo educativo inclua nos *currícula* uma disciplina que inculque nas crianças e adolescentes o dever de participação cívica, sem o qual perderão a oportunidade de traçar o seu futuro.

Gosta de viajar? Que viagem mais gostou de fazer?

Gosto muito de viajar. As viagens da minha vida foram a Roma e à Grécia (Atenas e Creta).

Quais são os seus gostos gastronómicos? E qual é o seu prato preferido?

Sou um apreciador da cozinha tradicional açoriana, mas não rejeito a culinária de outras regiões portuguesas. Sopas do Espírito Santo à moda do Pico,

polvo guisado à moda da minha terra e um prato de linguça com inhames, venha o diabo e escolha. Se, entretanto, me apresentassem um prato do chouriço tradicional/típico/caseiro da Ribeira Grande, com ovos e batatas fritas, certamente também não recusaria. Um por refeição, já se vê...

Que notícia gostaria de encontrar amanhã no jornal?

Já não há notícias imprevistas. Os cataclismos, as guerras, a fome, os desastres naturais são mais que previsíveis. A humanidade vive num equilíbrio precário e, de um momento para o outro, tudo se desmorona.

Voltando à pergunta: Gostaria de encontrar amanhã no jornal notícia sobre o saneamento financeiro da SATA e a sua ligação à TAP e mudanças na política da saúde que dotassem as ilhas sem hospital, com cuidados de saúde primários e diferenciados que respondam muito melhor às reais carências das populações de seis ilhas.

Como a natureza não dá saltos, espero que as evidências da desertificação e do despovoamento convençam os governantes de que urge alterar a política da saúde, e tomar decisões urgentes para dar à SATA a saúde e a viabilidade empresarial de que os açorianos tanto necessitam.

Se desempenhasse um cargo governativo descreva uma das medidas que tomaria?

Faria com que os mais pobres, excluídos e periféricos fossem os primeiros a ser considerados nas minhas decisões, embora tenha a noção de que isto não passa de utopia...

Qual a máxima que o/a inspira?

A promoção da justiça, da igualdade e da solidariedade entre todos os homens.

Em que época histórica gostaria de ter vivido?

Sinto-me bem neste tempo, enquanto Deus quiser.

A unidade dos Açores e o desenvolvimento harmónico da Região foram sempre objectivos

da governação açoriana. Apesar disso, dezenas de anos depois, continua a desertificação das ilhas pequenas. Fez-se muito, mas o muito não foi suficiente, em termos de acessibilidades, saúde, educação... Que comentário faz?

O objectivo inicial do “desenvolvimento harmónico” tarda em ser realizado, porque havia um complexo fosso estrutural entre as três ilhas sedes de capitais de distrito e as restantes seis. Ao fazer-se a história dos Açores nos últimos 40 anos, facilmente registamos avanços, mas constatamos que o distanciamento com o pelotão da frente se agrava cada vez mais. Porquê? Porque não se distribuiu pelas outras ilhas serviços públicos e privados que proporcionassem a permanência/fixação de quadros técnicos e outros. Resultado: acentuou-se o declínio demográfico, por via disso e pelo natural envelhecimento da população.

Os políticos e governantes preocuparam-se, sobremaneira, com o curto prazo, com os problemas imediatos e não cuidaram de fazer face à desertificação e às questões demográficas que há muito se adivinhavam. Se ao menos às ilhas mais pequenas em população fosse garantido uma melhor assistência nos cuidados de saúde... mas tal não sucedeu.

O problema é sério demais para ser ignorado. Com o declínio populacional não há investimentos públicos e privados que tenham sucesso e que contribuam para o tão desejado desenvolvimento harmónico.

O que se poderia fazer para que o Pico usufruísse mais do ‘boom’ turístico por que passam os Açores?

Os investimentos feitos por particulares na ilha do Pico, seja no alojamento local, seja no turismo rural, só se tornarão viáveis se a ilha do Pico tiver um aeroporto com melhores condições de acesso e voos que respondam à procura.

O Pico não pode estar à mercê de jogos de interesses externos em que se deixam envolver os poderes dominantes, amedrontados e pouco determinados. Se assim continuar a administração autonómica, rezem

nos por alma!

Há um tema que lhe merece muita atenção: A injustiça social e a pobreza. Como é que elas se combinam nos Açores e de que forma podemos ter mais justiça social e menos pobreza na Região?

Injustiça social e pobreza são um casamento muito antigo que gera graves problemas nas famílias, nos indivíduos e na sociedade. Convencido de que o binómio é resultante da injustiça, interrogo-me como a nossa pequena sociedade, com uma forte influência cristã, persiste em violar direitos fundamentais que poderiam tornar os habitantes destas ilhas mais iguais e mais felizes.

No Programa Eleitoral do PS nacional é proposta a criação do Conselho de Concertação com as Autonomias no exercício de funções do Estado e uma maior intervenção dos Açores e Madeira em termos de gestão e exploração do mar. É habitual ouvir dizer-se que quando a esmola é tanta o pobre desconfia. Qual a sua opinião? Acredita que estas propostas eleitorais, se o PS ganhar as eleições, vão em frente?

Fácil é colocar num programa eleitoral uma proposta/promessa partidária. No entanto, os eleitores estão habituados a que, por este ou aquele motivo, esses propósitos não cheguem à prática e não se resolvam os problemas.

No caso do Conselho de Concertação com as Autonomias não se trata de um órgão executivo, deliberativo, mas simplesmente consultivo. Não toma deliberações. Por isso, é mais um organismo que só terá consequências se os responsáveis pelas instituições tiverem capacidade e vontade para fazer cumprir a Constituição, os Estatutos e a vontade democrática das instituições regionais.

A experiência diz-nos que a Autonomia é um processo complexo, conflitual, com altos e baixos, mas dinâmico, e a sua credibilidade depende do melhor ou menor desempenho dos governantes.

Que importância tem a RTP/Açores no meio jornalístico açoriano? Tem desempenhado a sua função?

Dentro dos condicionalismos existentes, a RTP-A tem procurado corresponder à missão a que está destinada. Com imensas dificuldades que, apesar dos avanços registados, não foram ultrapassadas pelas novas tecnologias. A RTP-A é um factor de união porque chega a todos os lares açorianos, a todas as ilhas e dá a conhecer, com os constrangimentos que todos conhecemos, o que vai acontecendo no arquipélago. Com falhas? Quem não as tem? Mas o seu contributo para a açorianidade é inquestionável.

É conhecido que os jornalistas atravessam graves dificuldades nos Açores, nomeadamente, com falta de pessoal nas redacções. De que forma se pode dar a volta a este cenário?

Admiro muito a tenacidade das empresas jornalísticas e o papel dos meus colegas da informação na construção da sociedade açoriana.

O seu papel na produção da informação, na construção de uma sociedade livre, adulta e responsável deveria merecer outra atenção e mais apoios dos poderes instituídos. Sem que haja nada em troca a não ser a construção de uma sociedade plural, livre e justa.

Quando será que os poderes constituídos assumirão que, sem uma imprensa livre, não se constrói uma autonomia saudável e duradoura?



“Já não há notícias imprevistas”.

João Paz